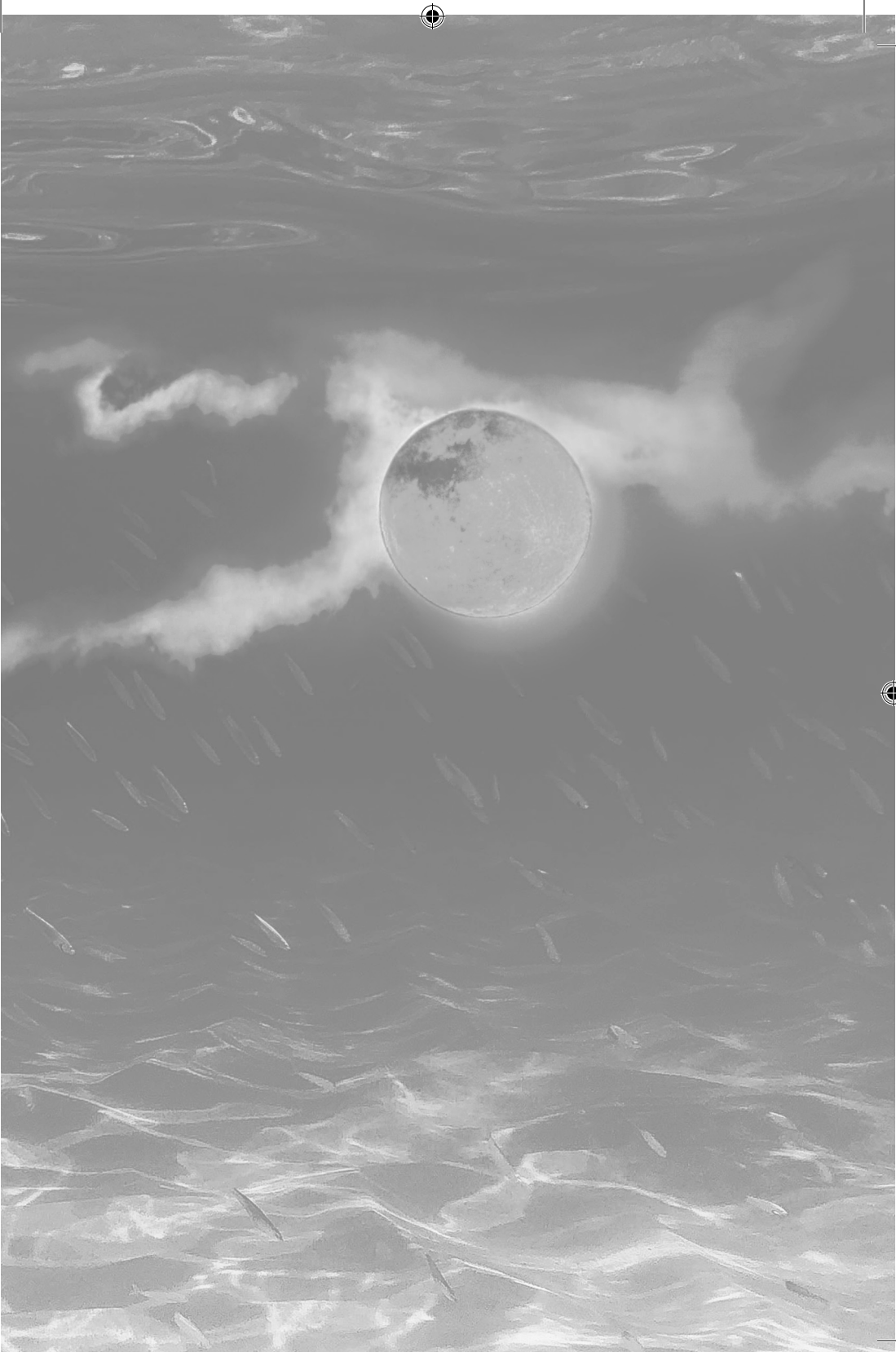


GUSTAVO ELÓI

**CINZAS
EM ÁGUA
E SANGUE**

Editora Penalux
Guaratinguetá, 2020



UMA MARGEM PARA A LUA

Despertou com o rosto comprimido no calçamento, cujo cimento, estriado por grãos de areia, esculpiu formas cúbicas em sua pele. Em seguida, expeliu hálito noturno, e dores químicas inauguraram mais um dia, acudindo uma consciência entorpecida por gases e poças etílicas, e que por isso, recobrava-se como um desembrulho vazio.

Seu sangue, parcialmente coagulado pelos frisos do chão, vagorosamente retornava à circulação, conforme ele franzia o rosto em contorções elásticas, caretas ao modo de cãibras. Enquanto isso, a luz do dia tratava de clareá-lo, dissipando as regiões sombrias de seu ser em sincronia com o movimento dos automóveis, que ao apresentar-lhe os primeiros passos da rotina em crescente povoamento, provocou-lhe bocejos. Mas o brilho das latarias dos carros, asseadas e em presumida oposição à sua figura suja — degradada e corrompida pelas soluções evasivas que os poucos trocados mendigados podiam-lhe oferecer — afastou todo entorpecimento. E a desgraça do dia recordou-lhe as tarefas monótonas que haveria de cumprir, as pequenas humilhações que haveria de suportar, a latinha de moedas sem tinar.

Passou a língua nos lábios secos, diluindo assim, no sangue, o último orvalho da saliva química.

Vagou, então, à deriva, sentindo um formigueiro solar na nuca, sem mais nada enxergar ou querer, maldizendo a luz, o som, os fenômenos móveis, tudo. Mas o predomínio do dia requer inclusive combustíveis humanos, por mais trabalhosos que sejam, e a sede cada vez mais inquisitiva fez com que o desabrigado se lançasse para a algaravia externa, ainda que sob um forte matiz de contrariedade, redutível à ressaca. Foi quando o calor severo negou-lhe qualquer tipo de generosidade, retirando das poças e sulcos da rua aquilo que o sequioso desejava, junto à paisagem noturna e úmida. Nada. Tudo escoara ou evaporara, tal como o álcool de seu espírito, o sossego de seu repouso. Sentiu arder a testa franzida; olhou para frente, como se procurasse um semelhante, mas só encontrou fisionomias engajadas, expressões confiantes, propositadas, crédulas na excludente “determinação”. Em vista disso, o vagabundo voltou a deitar a nuca para o sol, a fim de descobrir um lavabo ou mine-rar qualquer moeda.

Restos, descartes, abandonos imprevisíveis, enfim, configuravam a face amarga de sua vida, ou a face necessária. A outra era a própria vagabundagem, ou a face livre.

E graças a uma síntese instantânea de sua cabeça, cujo resultado reuniu tanto a necessidade de saciar a sede quanto a de banhar-se de modo displicente; graças ao resultado das premissas que escolhera para sua vida, ele lembrou-se do córrego imundo que atravessava a cidade, poluído em muitos pontos, porém outros, não. Para lá, pois, engajou-se.

O andarilho margeou ainda duas ou três avenidas, cortou três ou quatro esquinas, afastando-se mais e mais da praça matriz, habitável, em busca de sua singular fortuna. Tanto que, paradoxalmente, até se alegrou ao divisar o primeiro trecho de água estagnada, lodosa, oleosa, uma das partes poluídas; alegrou-se por ninguém mais lá encontrar. Mas isso não quer dizer que a vida diurna e seus autóctones não conservassem certa presença naquele pobre exílio; conservavam e o exerciam, inclusive...

Mas nem à vista dos poluentes, que remetiam à comunidade toda, ele vacilou. Afundou os pés descalços na água turva como se retomasse um antigo atalho, só conhecido por ele, e cujas embalagens e desfalques flutuantes eram a representação do extravio iminente, vestígios de uma coletividade sempre à espreita de seu caminho familiar. Nessa via excêntrica e restrita, por meio da qual o vagabundo exercia sua marginalidade, até os elementos poluentes perdiam o caráter da insalubridade para invocar um poder persecutório, um peculiar sintoma fóbico incrustado naquelas sacolas e plásticos, contra o qual ele apertava o passo e singrava o esgoto a céu aberto, seu “riacho”, fustigado pela sede, evadindo do mundo.

Caminhou pela via marginal, superando centro e periferias urbanas, vencendo o asfalto limítrofe e a curiosidade de testemunhas eventuais, até atingir aquele ponto em que pôde saciar a sede, regalar-se deitado de corpo inteiro na água purificada, mas uma previsível alquimia ocorreu-lhe, e a sede fez-se fome.

Foi aí que a face necessária da vida retornou para feri-lo duramente, fazendo-o provar de sua contingência, de sua dependência para com um mundo que o tomava por elemento

inconsiderado, vagabundo reprovável, mendicante humilhado. Mas a despeito disso, para lá sua fome lhe dirigiu a vontade, revelando-lhe, assim, sua liberdade limitada, precocemente frustrada daquele projeto de autonomia gratuita. Era o próprio conflito estrutural do andarilho que vinha, aqui, à tona.

Lançou um olhar desolado para as margens esverdeadas, baldias e desertas, como quem solicita socorro. Mas a face libertária de sua vida atingira certo limite, cuja fronteira reduzia-se paulatinamente, conforme os apelos da fome se intensificavam, ganhando terreno. Subiu, então, a uma das margens, a fim de que o encharque lhe escorresse calça afora, pois no mundo em que se preparava para regressar havia toda uma simbologia de conduta por cumprir, embora implícita, e que poderia, inclusive, comprometer sua integridade física. Foi nessa altura, quando alcançava o pasto rasgado pelo córrego, que ele pousou os pés num monte de esterco — forçando-o, primeiro, a maldizer, depois a celebrar...

Bosta de vaca. O andarilho, graças à mesma mola interior que lhe fornecera outras sínteses, não se furtou em traçar certa equivalência entre sua situação e a da bosta, dejetada por obra da necessidade e povoada por colônias de cogumelos coloridos, alucinantes, amarelos, negros, azuis, azuis... Havia aí, de fato, certa analogia com seu modo de ser no mundo, enterrado do estômago pra baixo num terreno garantidor de mera sobrevivência, enquanto se embriagava do coração pra cima. Mas não se demorou nessa consideração, pois a fome logo o lançou para aqueles cogumelos de sabor duvidoso, de húmus de papelão, mas detentor das qualidades requeridas pela cega necessidade. Tanto

que devastou a primeira colônia em instantes, logo expandindo o perímetro da expedição até encontrar outra, e outra, e outra, quando, finalmente, a saciedade veio acompanhada de um afrouxamento dos sentidos.

Afrouxando-se a ponto de liquefazer-se.

Uma irresistível lassidão, em outras palavras, acometeu o homem saciado, que se estirou sobre a relva cristalizada, defrontando-se com o céu fluorescente, enquanto sentia efervescer-se, como aspirina em copo raso. Transbordava os liames de seu espírito em cores e texturas encantatórias, provendo ou enfeitando aquela região bucólica da cidade com forças mágicas, desvelando a qualidade encoberta dos seres, manifestando a potência metafísica das coisas, conduzindo o ébrio aos recônditos originais da verdade, onde o sentido se aninha e as aparências se perdem, inclusive a própria.

Com efeito, seu transbordamento foi tal que se realizou uma verdadeira identificação entre ele mesmo e o mundo; tal que já não se tratava de um andarilho em busca de prazeres reservados, pois na realidade passou a vigorar a essência do prazer em si. Eram os sólidos fundamentos de um ego petrificado que se diluíam aos quatro ventos, convertendo-se nestes. E se dois braços singulares se remexiam em luxúria sobre a relva, se um par de olhos bem determinado se fixava sobre a fauna subitamente descoberta, era em virtude da sensação universal, do panorama indiferenciado e absoluto: aquela figura individuada fazia-se, em miúdos, total.

Assim, graças à ação dos fungos em seu sistema nervoso, o marginal foi assimilado aos elementos constitutivos do todo,

integrado às potências cardeais do ser. E óbvio que isso pressupõe uma radical eliminação daquela outra face necessária e utilitária, categórica e uniformizada, em favor de uma perspectiva de ser, por assim dizer, universal, como se a face livre de sua vida finalmente risse por último; e ele, deitado ao lado do córrego, ria-se de fato.

Sim, havia encarnado o pulso vital do mundo, implodindo-se a partir dele e assim reduzindo-se às partículas atômicas, comuns a toda matéria do universo, e cujo fluído eletrificado igualava o sangue de sua coronária, povoada de agentes alucinógenos, com o melancólico acorde do espaço, com a lenta mobilidade esgazeadada da atmosfera lunar. Reuniu em si a calma correnteza do córrego mais as convulsões intergalácticas, passíveis de conhecimento apenas por meio da imprecisa física especulativa. Ele se transformava na própria matéria de um saber impossível, porque infinito, e graças a isso pôde compreender, com uma clareza redentora, a transitoriedade de sua situação no mundo, a aparência figurativa de seu ser mendicante, a gratuidade vã dos homens de seriedade do dia a dia, enterrados do estômago pra baixo em automóveis cadáveres, engajados em orgulhosos empreendimentos já marcados pelo apodrecimento, pela insuficiência de toda pequena ambição. Sobre tais roupagens fúnebres jazia a verdade; a verdade que ele agora se tornara, a verdade de ser puro batimento, pura fluidez, pura sensação planetária, pura afluência.

Um vagabundo originário, cujo sentido repousa na peregrinação de Cristo, nas incursões de Maomé, no motor imóvel dos antigos... Pura ondulação, o andarilho riu de olhos fechados,

frisando suas cicatrizes, reluzindo claridade nas rugas de seu rosto, enquanto suas mãos frias revolviavam a terra, como se plantassem raízes mitológicas...

*

Despertou sob um céu já noturno, amadurecido pelo tempo e orvalhando fina tranquilidade em seu rosto. Seus olhos limpos, purificados pela reflexão, encararam as constelações com serenidade familiar, injetando brilho naquelas figuras milenares com os efeitos finais de sua poção mágica, abrandada, mas ainda presente em seu corpo, incutindo calma e meditação tanto lá quanto cá.

Soube, de imediato, ser esfinge decifrada, ser espírito converso. Porque pela primeira vez, em muitos anos, despertavas e sem aquele azedume enraivecido, aquele etílico tóxico que fazia de suas entranhas câmara de gás e de seu ânimo um declive deprimido; pelo contrário, despertou-se em viva cumplicidade com o céu, como se partilhasse um segredo natural a ambos. Inclusive, foi sobretudo quando divisou o rebanho de vacas aproximando-se com olhares grandes e calmos, passos lentos e refletidos, a pastar o dom da terra em perfeita harmonia, que ele recordou a face sacra do universo, compreendendo sem estudar os hindus, cuja resultante abalou as estruturas de uma necessidade antes déspota e inexorável, fazendo dela palha ao vento, De modo que a necessidade, ou seu estado de dependência das aglomerações sedentárias, revelou-se mera aparência, estruturas superáveis de um mundo emancipado e maior.

LIVROS ILUMINAM

Este livro foi composto em Electra LT Std
pela Editora Penalux e impresso em papel
off-white 80 g/m², em outubro de 2020.
